TERRITÓRIO PESQUEIRO DO BAIACU – VERA CRUZ (BA): organização e produção pesqueira

Taíse dos Santos Alves[1]

Resumo

O presente artigo destaca a organização da atividade pesqueira artesanal da comunidade do Baiacu – Vera Cruz (BA). A mesma está localizada na contra-costa da Ilha de Itaparica, no município de Vera Cruz-Ba e faz parte de uma área de proteção ambiental permanente (Parque Ecológico do Baiacu). É também um local histórico, por ser remanescente da primeira ocupação da Ilha de Itaparica, em 1560, sendo a mais antiga colônia de pescadores(as) da Ilha. A produção da pesca artesanal na comunidade, possui algumas especificidades que vão ganhando diferentes formas com o passar dos anos, os(as) pescadores(as) criam relações, trocas, mecanismos que estabelecem uma organização específica, que denomina-se, neste trabalho, como espaço pesqueiro.Nesse contexto, cabe frisar o papel das mulheres, que tornaram o cenário da produção pesqueira dotadas de particularidades os quais ganharam diferentes variações no decorrer de sua produção.

Palavras-chave: Território Pesqueiro, Pescadores(as) artesanais, Produção pesqueira.

Introdução

Para Corrêa (2002), a reprodução dos grupos sociais se faz através de muitos meios. Seja pela transmissão do saber, relações sociais e culturas, e um dos mais importantes: a sua organização espacial. Para o autor, ao fixar no solo os seus objetos, fruto do trabalho social e vinculadas às suas necessidades, um grupo possibilita que as atividades desempenhadas por estes alcancem um período de tempo mais ou menos longo, repetindo e se reproduzindo. Nestas condições, o grupo social se reproduz, porque a reprodução das atividades ligadas às suas necessidades viabiliza o próprio grupo. Desta forma, a organização espacial, ou seja, o conjunto de objetos criados pelo homem e disposto sobre a superfície da Terra, é assim um meio presente (produção), mas também uma condição para o futuro (reprodução) (CORRÊA, 2002). Nesse sentido, Kunh (2009) destaca – a partir dos escritos de Santos (2006) – que as variáveis adotadas precisam levar ao entendimento das questões fundamentais que perpassam o fenômeno analisado quando são vinculadas a organização e produção do espaço. E, neste caso em específico o circuito produtivo da atividade pesqueira artesanal. Para isso, as questões fundamentais a serem entendidas em sua perspectiva devem ser: (a) como se dá a organização da produção, (b) como se dá a relação de produção e (c) como se dá a apropriação da renda obtida com a produção. Dessa forma, este trabalho se propõe a buscar entender qual a organização produtiva da pesca artesanal na comunidade do Baiacu.

[1] Professora. da rede estadual de ensino da Bahia (SEC-BA). Mestra em Geografia (UFBA). taisealves85@gmail.com.

Avaliou-se especificamente como ocorre essa articulação no interior da comunidade pesqueira do Baiacu. A mesma está localizada na contra-costa da Ilha de Itaparica, no município de Vera Cruz-Ba e faz parte de uma área de proteção ambiental permanente (Parque Ecológico do Baiacu[2]) por possuir resquícios de Mata Atlântica, manguezais com diversidade de espécies marinhas. É também um local histórico, por ser remanescente da primeira ocupação da Ilha de Itaparica, em 1560, sendo a mais antiga colônia de pescadores da Ilha de Itaparica.

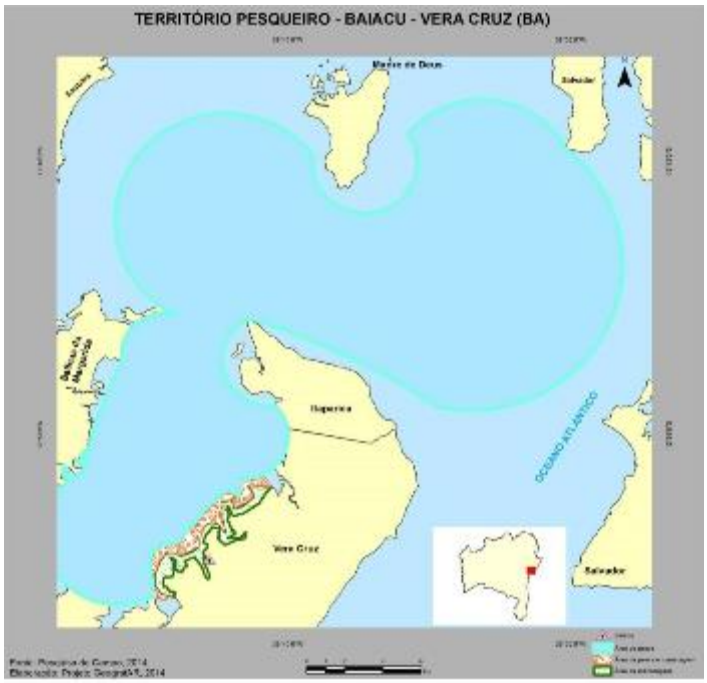

Figura 1: Território pesqueiro do Baiacu

Nota-se que, no Baiacu, há uma organização do circuito da pesca bem particular, pois, as mulheres assumem o papel do escoamento da produção local. Sobre a organização espacial, percebe-se que a mesma é a expressão da produção material do homem. É resultado do trabalho social realizado no espaço, refletindo as características de quem a determina. (CORRÊA, 2002).

Por isso, o circuito produtivo da pesca artesanal possui algumas especificidades que refletem as características deste grupo social, a exemplo da concepção histórica por trás da produção pesqueira. O processo histórico atividade no Brasil, marca a alguns pontos que desencadeou as ações relacionadas as políticas públicas no país, como a (I) a invisibilidade dos pescadores(as) artesanais, (II) a delegação de órgãos públicos destinadas a outros sujeitos não relacionados diretamente aos pescadores(as) artesanais, (III) investimentos públicos-privado ao desenvolvimento da indústria pesqueira (a exemplo da carcinicultura, aquicultura) com isso, foi

[2] Decreto de Lei Municipal de Vera Cruz (Ba) 316/91.

notório a fragilidade em tornos das políticas públicas destinadas especificamente a atividade (RESENDE, 2014).

Ainda sobre estas questões históricas, nota-se que a produção pesqueira artesanal baiana é dotada de raízes e tradições advindas de diferentes culturas. Técnicas e equipamentos usados até os dias atuais e interfere diretamente na cultura e produção, já que são necessárias no ato da pesca, além de entender quais as especificidades dos(as) pescadores(as) e marisqueiras, a exemplo do uso dos anzóis e linhas, jangadas, canoas (índios); currais de pesca em lagunas, cofos e pesca noturna (africana); e redes de pesca (portuguesa), desta forma, percebe-se que "a história da produção de pescado na Bahia sempre esteve relacionada com a influência destes três ramos culturais: indígena, africana e portuguesa" (KUNH, 2009, p.97). Deste modo, nota-se que, tanto a organização, quanto o circuito produtivo da pesca artesanal na Bahia deve ser compreendido em sua perspectiva histórica, cultural e relações políticas institucionais para compreender a complexidade e especificidades que envolve os pescadores(as) artesanais.

Produção da pesca artesanal em Baiacu (Ba)

A produção da pesca artesanal na comunidade do Baiacu possui algumas especificidades que vão ganhando diferentes formas com o passar dos anos. Nesse contexto, cabe frisar o papel das mulheres, que tornam o cenário da produção pesqueira dotadas de particularidades os quais ganharam diferentes variações no decorrer de sua produção.

A partir das visitas/atividades de campo notamos que há uma transição entre as relações sociais. Essas nos remetem a permear pelas discussões teóricas sobre a pequena produção mercantil proposta nos estudos de Diegues (1983). Para o autor, as formas de organizações dos(as) pescadores(as) artesanais carregam estas especificidades, já que são modalidade de apropriação material e social determinadas pelos recursos existentes nos ecossistemas marinhos, ou seja, os(as) pescadores(as) são sujeitos que determinam tanto sua produção quanto a reprodução social por possuírem os meios para realização do seu trabalho.

Outra questão destacada pelo autor é que este debate não é fácil, devido às dificuldades teóricas expostas, já que "reside no fato de que o estado dos chamados modos pré-capitalistas de produção é relativamente recente estando ainda o próprio conceito em fase de elaboração" (DIEGUES, 1983, p. 203). Nas abordagens de Marx, sua preocupação fundamental era a análise

interna do modo de produção capitalista e, de modo superficial, embolsou o debate pré capitalista de produção.

Dessa forma, a pequena produção mercantil é caracterizada como uma forma que se encontra subordinada e articulada a outras modalidades de produção, a identificação dos elementos da produção mercantil se dá pela articulação de suas características internas, fruto da organização social estabelecida pelo grupo. Assim,

> Marx afirma que a pequena produção atinge sua forma mais clássica no momento em que o trabalhador é proprietário dos meios de produção que ele próprio controla. É o caso do camponês que detém a terra que cultiva ou do artesão que maneja suas ferramentas como virtuoso. Esse modo de produção pressupõe o parcelamento do solo, a dispersão dos meios de produção. Ele exclui também uma divisão de trabalho acentuada e um livre desenvolvimento das forças produtivas (DIEGUES, 1983, p. 205).

O(A) pescador(a) e a marisqueira da comunidade Baiacu são proprietários dos meios de produção, além de determinarem a organização do seu circuito produtivo. Afirmamos categoricamente que estes sujeitos possuem seus meios de produção, por visualizar em campo que a grande maioria possui suas próprias: redes, canoas motorizadas e não motorizadas, manzoá de ferro, linha, baldes, colheres e etc. Outro ponto importante nestas relações e que parte dos pescadores possuem mais de uma embarcação e alugam para outros pescadores(as) da comunidade, existe também uma terceirização dos serviços entre os(as) pescadores(as), as marisqueiras e as vendedoras. Algumas marisqueiras contratam os serviços de outras mulheres (que também são marisqueiras) para o catado de siri, por exemplo. Nessas mediações, percebem-se as relações capitalistas de produção na comunidade, pois estas nuances irão estabelecer diferentes relações que representam ao mesmo tempo uma dualidade e também divergências, pela possibilidade de diferentes formas exploração entre os(as) próprios(as) pescadores(as), já que as posses dos meios de produção determinam hierarquias e ficam com a maior parte da produção.

Neste sentido, a comunidade adentra na lógica da pequena produção mercantil, mas não significa afirmar que estão à margem do sistema capitalista, ao contrário, transitam entre ambas. Concordamos com Kunh (2009) quando destaca que os(as) pescadores(as) artesanais, ainda que diferenciados neste processo, inserem-se no mercado capitalista no momento da venda do produto obtido (em suas trocas e valores, tanto de *uso* quanto de *troca*), nas trocas de serviços, aluguel de embarcações, por exemplo. Os próprios agentes do capital, em diferentes escalas, se beneficiarão dessa inserção do grupo da pequena produção mercantil da pesca, assim como se

beneficiam da inserção do camponês – neste caso o(a) pescador(a). Assim, notamos que o capital e sua necessidade de "reinventar-se", cria e recria relações não-capitalistas de produção (OLIVEIRA, 2007, p.11).

No momento da chegada da canoa, são determinados os valores do peixe, formas de pagamento, trocas de informações sobre a vendagem entre as vendedoras e os pescadores (as) (Figura 2 e 3).

Foto: Taíse Alves

Foto: Taíse Alves

Figura 02 e 03 – Momento da chegada dos pescadores

O uso dos baldes é uma peça importante nestas mediações, pois cada balde possui 10kg e é com eles que ocorrem a medição do pescado, as próprias vendedoras levam os baldes na cabeça, os colocam com a ajuda dos pescadores e outras vendedoras. Isso ocorre de forma semelhante com a mariscagem, entretanto, para sua (re)venda. Sobretudo, cabe frisar aqui, que as entidades/representações pesqueiras da comunidade (Colônia de Pescadores, Associação e Cooperativa) não se envolvem nestas relações, ficando completamente à parte nessas negociações. Essas relações são evidentes na chegada dos pescadores ao porto. Ali, eles determinam e negociam os valores do pescado. Não há a circulação em dinheiro "vivo", os mesmos usam a 'camaradagem' e a confiança no outro. Os valores, no entanto, variam de acordo ao pescado, ou seja, entre R$5,00 a R$25,00. O Camarão, por exemplo, é vendido por R$ 20,00. Este valor é decorrente pela "baixa" captura do camarão nas coroas.

Uma especificidade do resgate histórico da comunidade (e era comum em todo o Recôncavo Baiano) a qual atualmente não se faz presente graças a outras formas de manejo e conservação do pescado, era o processo de "salgar" o peixe. No momento atual, a maioria das mulheres possui, em suas casas, *freezer* para conservação do pescado e marisco, por isso este processo não se faz presente. Entretanto, era uma forma interessante de conservação, feito da seguinte forma,

> Chegava no porto pegava o xangó, tirava a barriguinha aí passava sal. Aí no outro dia elas iam com dois pedaços de palito e fazia isso de um a um. Depois tirava o excesso do sal e em consequência as escamazinhas ficavam. Depois pegava aquilo e colocavam no giral para secar. Quando secava pegava e amarrava uma quantidade, 16 de um lado e do outro. Depois passou pra 6 e depois para quatro. Hoje não tem mais o processo do sal, mas sempre foi trabalhando para revender a outra pessoa (Depoimento de uma pescadora da comunidade do Baiacu, em pesquisa de campo, julho de 2014).

Por isso os pescadores destacam que houve algumas transições importantes sobre a atividade pesqueira na comunidade, e que as mulheres sempre possuíram papel central na produção pesqueira, ou seja,

> Nosso pescado era salgado, a gente ia pescar pegava o peixe e vendia por sal. Para escamar tinha 3 pessoas que trabalhava comigo aqui. As mulheres trabalhavam comigo, ela vinha pegava o peixe descamava e botava no sol pra depois pegar para vender em Nazaré, ia de barco, as vezes passava três dias viajando [...] Hoje o trabalho tá evoluído, elas mesmo compram e elas mesmas vão vender, não precisa trazer para casa descamar, lavar, botar no sol, chamar o companheiro para amarrar tudo ali [...] (Depoimento de um pescador da comunidade do Baiacu, em pesquisa de campo, julho de 2014).

Mineiro (2010) destaca que o processo de salgar o pescado estava atrelado à sua comercialização, mas que também era uma forma de estocá-lo. A autora ainda afirma que os pescadores precisavam sair da Ilha para vender em Salvador, em Nazaré ou em Santo Antônio de Jesus "[...] e os peixes que eram pescados ou eram levados frescos para serem comercializados nas cidades vizinhas ou eram salgados, secos ao sol e estocados para serem consumidos no inverno" (MINEIRO, 2010, p. 71).

Notamos que a transição do 'peixe salgado' está relacionada à evolução das técnicas, meios e formas de produção, caracterizando também uma divisão do trabalho. Pelo depoimento do pescador havia três mulheres que trabalhavam para ele no tratamento do pescado, elas descamavam e salgavam, ou seja, ele enquanto pescador determinava as relações de produção, já que a matéria prima estava ao seu cargo (o peixe/ o marisco) e o mesmo ia vendê-lo.

Entretanto, atualmente, as mulheres do Baiacu não trabalham mais para os pescadores, elas compram o pescado deles, mudando também as formas de conservação e manejo do pescado.

Os depoimentos dos pescadores e vendedoras fizeram chegar à seguinte conclusão resumida no Quadro 1, em que destaca-se a evolução das técnicas de produção, diminui o tempo de tratamento e manejo do pescado, assim como a quantidade de mulheres. Por outro lado, notase que a há uma grande dependência do *freezer* para que o pescado chegue com qualidade até o cliente e a diminuição do tempo de trabalho pode ser um vetor que valoriza a produção.

Quadro 1 – Evolução das técnicas de conservação da produção pesqueira no Baiacu

ITENS	PRÁTICA ANTIGA	PRÁTICA ATUAL
TIPO	Peixe Salgado	Peixe Fresco-congelado
ENERGIA USADA	Sol	Elétrica
MATERIAIS NECESSÁRIOS	Água Faca Giral Palito Sal	Água Faca *Freezer* Embalagem
TEMPO USADO	3 dias	3 a 4 horas
PESSOAS ENVOLVIDAS	3 a 4 mulheres	1
VALOR	Menor valorização do pescado	Pescado mais valorizado por ser fresco

FONTE: Pesquisa de Campo, 2014

Os(As) pescadores(as), marisqueiras e vendedoras não sabem responder ao certo quando as mulheres assumem o papel do escoamento da produção local, mas destacam que ocorre há anos e desde crianças estão envolvidas, sendo uma herança que também perpassa para suas filhas/filhos.

Assim, percebe-se que as transições de tempo-espaço são características que os homens carregam para se adaptarem às necessidades impostas pela dinâmica da sociedade, as quais evidencia Santos (2006). Para o mesmo, os eventos mudam as coisas, transformam os objetos, dando-lhes ali mesmo onde estão, novas características. Outro ponto destacado por Santos (2006) são as relações de escalas que também interferem nestas transições, já que

> [...] temos a escala das forças operantes e no segundo temos a área de ocorrência, a escala do fenômeno. Aliás, a palavra escala deveria ser reservada a essa área de ocorrência e é nesse sentido que se pode dizer que a escala é um dado temporal e não propriamente espacial; ou, ainda melhor, que a escala varia com o tempo, já que a área de ocorrência é dada pela extensão dos eventos (SANTOS, 2006, p. 99).

Por consequência, os eventos ganham força pelas relações entre as escalas, ou seja, Baiacu destaca-se no cenário pesqueiro de Vera Cruz no momento em que seu pescado amplia seu circuito, e, sobretudo, quando as mulheres deixam de ser submissas no sentido de não apenas cuidarem do tratamento e limpeza do pescado para serem protagonistas de dominar as técnicas de produção, não apenas da mariscagem, mas possuírem também suas canoas e ao mesmo tempo "governá-las" e por dominarem a vendagem do pescado na comunidade.

Este processo é marcado pelo relato dos pescadores. As mulheres não ficaram responsáveis apenas por mariscar, elas fazem parte de todo o processo da atividade pesqueira, desde o tratamento do pescado após a pescaria; elas são especialistas em catar siri, além de serem (sempre) responsáveis pelo escoamento e circulação do pescado e/ou mariscagem para outros locais da Ilha e municípios,

> Cada menina dessa vende em um lugar, eu mesmo, saio para vender dia de sexta-feira, os outros dias "tô" na maré. Levanto bem cedo, pego o primeiro *ferry*, levo o pescado todo tratadinho e vou vender na Ribeira [...] e meus clientes são certos, já vendo a anos lá (Depoimento de uma vendedora da comunidade do Baiacu).

Por isso, evidenciamos a complexidade de entender o papel destas mulheres no Baiacu, pois as mesmas tem funções múltiplas na comunidade. Elas fazem o papel dos chamados "atravessadores", são marisqueiras, são pescadoras, fazem o tratamento e manejo do pescado, são especialistas no catado do siri e determinam o circuito e escoamento da produção pesqueira da comunidade. Uma única mulher pode assumir todos estes papeis na comunidade. Assim, cada vendedora possui um ponto de venda em específico, possuindo uma lista de clientes fixos. A grande maioria transita em diferentes bairros de Salvador, como Bonfim, Ribeira, São Joaquim, Liberdade além do Mercado do Peixe. Outras ficam em Itaparica, São Francisco do Conde, Lauro de Freitas, Santo Antônio de Jesus, CIA (Simões Filho), Nazaré, São Felipe, Conceição do Almeida e demais locais. Ocorre também a venda em Vera Cruz, mas é um movimento bem específico, pois só ocorre fortemente na época do verão quando a Ilha possui um maior fluxo de turistas. Neste caso, é vendido para bares e restaurantes (Figura 4).

Outra característica dos(as) pescadores(as) do Baiacu é que eles(as) possuem quintais produtivos em suas casas, e isso configura-se como uma forma alternativa de produção de trabalho, mais uma agricultura de subsistência (Figura 5) para seus próprios consumos. Tem plantações de coco, tomate, pimenta, acerola, banana, até feijão.

Santos (2006) destaca que cada lugar, à sua maneira, é o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. Neste caso, a dimensão do cotidiano se faz presente, já que é está a dimensão que dará a cada lugar suas características, "pois o cotidiano de todas as pessoas assim se enriquece de novas dimensões. Entre estas, ganha relevo a sua dimensão espacial" (SANTOS, 2006, p. 217). Assim, percebe-se essa dinâmica no Baiacu, pois a organização dos(as) pescadores(as) demonstra uma apropriação desse espaço e lhe caracteriza como um lugar único, com relações que se fazem fixar na atividade pesqueira artesanal.

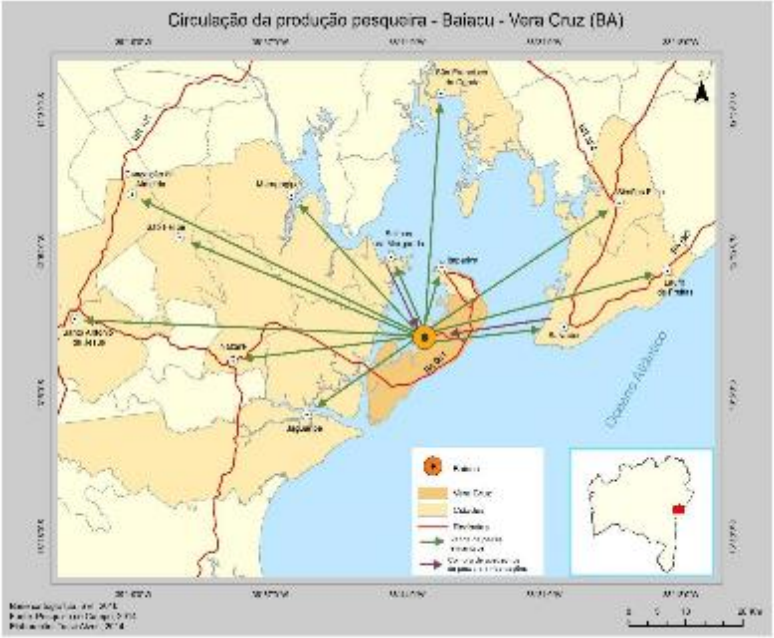

Figura 4 – Circulação da produção pesqueira – Baiacu–Vera Cruz-BA

Outra dimensão que merece nossas considerações são os diferentes tempos que se cruzam na comunidade, passado/presente e até mesmo o futuro, mediados pelo cotidiano destes sujeitos, revelando as experiências com a natureza e permitindo evidenciar que os pescadores(as) do Baiacu fazem deste espaço seu recurso. Recurso de trabalho, recurso de sentido, de relações, da própria vida, pois é desse espaço que retiram suas rendas, mas não se configura apenas pela lógica capitalista de produção, mas também suas sociabilidades. Neste sentido, atribuí a relevância sobre às ideias de Silva (2014), quando retifican que,

> [...] para o(a) pescador(a) que vive a experiência de vivenciar a natureza, como recurso, o mar como trajeto de seu corpo no espaço (o vento, as marés, a chuva, o sol), a natureza não é recurso segundo a lógica capitalista, não é metáfora, é a tessitura do seu corpo, é sua condição de existência que envolve elementos de imanências – necessidades imediatas de acesso à riqueza, trabalho e renda, mas ao mesmo tempo

> transcendência, sentido do seu fazer, construído pelas relações culturais – de estar mundo, tecer rede, pescar, de navegar, de saber sobre os perigos do mar (SILVA, p. 23, 2014).

Foto: Taíse Alves

Figura 5 – Plantação de banana nos quintais dos pescadores(as)

Só adentrando na realidade cotidiana dos(as) pescadores(as) e marisqueiras do Baiacu que os percebemos e sabemos de seus dilemas, conflitos e dificuldades acerca da atividade pesqueira exercidas por eles(as). Já que os mesmos por estarem geograficamente na contracosta da Ilha, são esquecidos ou até mesmo (des)conhecidos. Esta afirmação pode parecer pragmática ou até mesmo tendenciosa, por estarem exatamente neste lugar que ocorrem as limitações em relação ao acesso de informações e deslocamento a comunidade. Nas atividades de campo, isto ficou visível, é só destacar, como exemplo, o acesso à comunidade pela BA 001 e por estarem em área de mangue, há um desprestígio turístico por Baiacu, deferente de outros locais da Ilha.

Por isso, destacamos que somente acompanhando o cotidiano dos(as) pescadores(as) e marisqueiras, é que se percebem os conflitos expostos, não apenas pelos seus relatos, mas observando-os, buscando entender os "jogos" de relações estabelecidas para analisar os elementos que compõem este espaço no cotidiano presente, já que o pescador é ser, é presente, vive e experimenta a modernidade como qualquer pessoa na contemporaneidade (SILVA, 2014). Outra questão que não podemos furtar de evidenciar aqui é que estes(as) pescadores(as) estão inseridos e experimentam a modernidade do capitalismo, pois querem melhores condições

de vida e acessos a outras instâncias sociais. Já que estão em contato com o mundo, se relacionando, vivendo outros espaços, as relações de escalas também dimensionam esta relação e seus desejos.

A pesca e a mariscagem em Baiacu

Os equipamentos de pesca, ou seja, as artes de pesca são definidas como uma combinação de equipamento, espécie-alvo e localização geográfica, que perpassa por um conjunto de critérios de tomada de decisões que ligam um dado comportamento de pesca com os objetivos e adversidades a qual influencia comportamentos, sendo um processo de tomada de decisões dos pescadores envolvidos (MINEIRO, 2010).

Para os pescadores(as), na comunidade do Baiacu, a principal arte de pesca praticada é a pesca de rede. Porém, em atividades de campo, notam-se outras artes presentes na Comunidade. Alguns petrechos de pesca são comprados em casas especializadas em Salvador e em Salinas das Margaridas, assim como algumas embarcações. As redes são armadilhas feitas com fibras de origem vegetal, a partir de uma planta nativa, a cana-brava (Gyneriumsagittatum) e também de fibra sintética (náilon).

A pesca de rede é uma prática histórica na Ilha de Itaparica, sempre esteve presente como uma das artes de pesca predominante na área. No entanto, a matéria prima de sua confecção foi mudando ao longo dos anos, decorrente dos problemas sócio-ambientais e práticas sociais próprias da expansão urbana na Ilha, apesar dos pescadores ainda manterem hábitos herdados dos mais antigos e as confeccionarem.

No entanto, Mineiro (2010), em seus estudos sobre a atividade pesqueira na Ilha de Itaparica e na comunidade pesqueira de Aratuba, evidencia que os pescadores locais utilizavam, até meados dos anos de 1970, fibras da palmeira chamada de ‘ticum’ ou ‘tucum’ para confecção das redes de pesca. Quando manchas de Mata Atlântica foram derrubadas para a construção de condomínios de veranistas, foi ficando difícil encontrar na região a planta, assim, aos poucos as fibras foram sendo substituídas por outras fibras vegetais e por fim pelo náilon, produto derivado do petróleo, uma poliamida, com maior resistência ao desgaste e ao tracionamento, mas que não está disponível na natureza.

No campo da mariscagem, a jornada de trabalho é em torno de 5 a 6 horas diárias e variam de acordo as condições da maré. Para Freire *et al.* (2011), as condições da maré alta ou

baixa atuam como demarcador do tempo e da jornada de trabalho das marisqueiras o que tem reflexos sociais e culturais significativos na organização do modo de vida destas mulheres. Outro ponto,

> [...] é o trabalho de beneficiamento do marisco, o qual é realizado no espaço doméstico, em áreas anexas à residência, nos quintais, que permita aliar outras atividades como as tarefas domésticas e cuidar dos filhos, por exemplo. No beneficiamento o processo de tratar o marisco envolve a catagem, lavagem, embalagem, armazenamento para a venda (FREIRE, et al. 2011, p. 2-3).

Na mariscagem, os instrumentos utilizados para a captura dos mariscos são artesanais, confeccionados pelas mulheres e variam entre pequenos facões, (retirar ostra), baldes, ganchos (retirar sururu), colher (retirar bebe fumo). Após chegarem em casa, as marisqueiras os lavam cozinham e catam (a exemplo da ostra) para realizar sua comercialização. Uma especificidade dessas marisqueiras é que elas possuem suas próprias canoas e elas mesmas as governam. Geralmente, vão em grupo de três mulheres (Figura 31).

Para Prost (2008), o manguezal representa um ecossistema costeiro extremamente importante para a vida, em razão de suas diversas funções ecológicas. Estão situados em foz de rio, estuário ou até em linha de costa. O mesmo cumpre muitas funções, tais como retenção de sedimentos e matéria orgânica, proteção das margens da baía, berçário e viveiro de diversas espécies da *ictiofauna*, mas também de espécies anfíbias e de aves e ainda é importante para a conservação de recifes de coral localizados a dezenas de quilômetros. Essa riqueza expressa em alta produtividade primária, do ponto de vista biológico, serve de base para as práticas sociais e o sustento consequente de numerosas populações costeiras, no Brasil e no mundo. No município de Vera Cruz, o manguezal possui uma cobertura vegetal expressiva e está presente em toda contra-costa da Ilha.

. Em Baiacu, as espécies de mangue identificadas são: mangue vermelho (Rhizophoramangle) e o mangue branco (Laguncularia racemosa). Estes possuem um importante ecossistema que concentram boa parte da produção pesqueira da comunidade (Figura 7). As espécies de mariscos encontradas são: sururu, aratu, ostras, papa fumo, mapé, lambreta, caranguejo, tesoureiro e siri.

Fots Taíse Alves

Figura 6 – Imagens da mariscagem em Baiacu

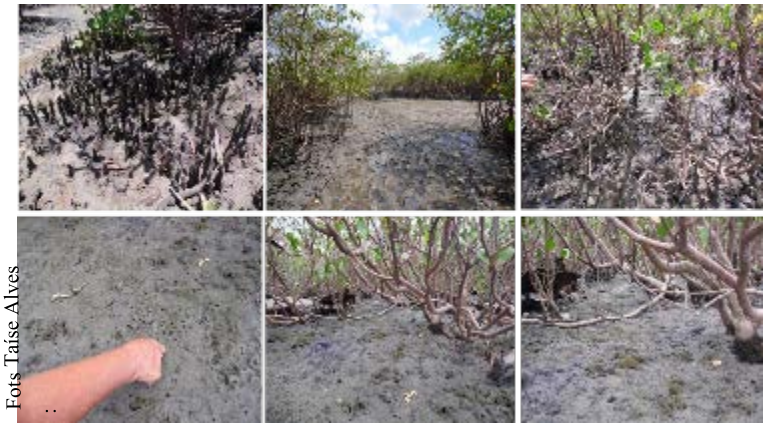
Fots Taíse Alves

Figura 7 – Imagens de manguezais presentes no Baiacu

Outra importante arte de pesca encontrada em Baiacu é o manzoá. Para Mineiro (2010), configura-se como um tipo de armadilha empregada na captura de peixes e crustáceos. Seus modelos de covos variam de acordo com a forma em outras comunidades pesqueiras da Ilha, assim como tamanho e a matéria-prima utilizada na confecção. Sua estrutura pode ser de madeira ou ferro, revestida por uma tela ou entrançado de cana-brava, bambu, arame ou madeira. De modo geral, é uma armação semi-fechada, apenas com uma pequena abertura, que permite a entrada do pescado, retendo-o depois no interior, até o momento da despesca. Na comunidade do Baiacu é encontrado o manzoá de ferro.

Entretanto, para os pescadores da comunidade a prática da pesca de rede (Figura 8) os diferencia de outros locais da Ilha, já que a mesma é praticada em grupo e constitui uma unidade de trabalho, constituindo uma forma de companheirismo entre os sujeitos da pesca.

Estes peixes também são vendidos para isca de manzoá. A malha e tamanho variam de acordo com o pescado que se pretende capturar e o local de pesca. Para Mineiro (2010), os nomes dados às redes, pelos pescadores(as) da Ilha, estão por vezes, associados ao tipo de pescado capturado.

Segundo a autora, os mais comuns são: Arraieira (arraia), paruzeira (paru), tainheira (tainha), agulheira (peixe agulha). Tais referencias também são encontrados em Baiacu como é mostrado no Quadro 05:

Quadro 02 – Caracterização e possibilidades de usos dos diferentes tipos de rede em Baiacu

TIPO DE REDE	PERÍODO	SITIO DE PESCA	PESCADO
Caçoeira	Verão Inverno	Coroas (entrada) Enseada (de mangue)	Bagre Obarana Sardinha
Rede de Arrasto	Verão Inverno	Entrada de mangue	Todos os pescados
Tainheira	Verão Inverno	Canal de mangue	Tainha
Calão ou Arrastão	Verão Inverno	Beira de terra	Bicuda Camarão

Fonte: Pesquisa de campo, 2015

Suburbana e Ribeira), evidenciando um território pesqueiro compartilhado com outros pescadores da BTS (Figura 1).

As contradições da produção pesqueira no Baiacu perpassam pelo discurso do declínio do pescado e o fim da pesca. É comum, nas falas dos(as) pescadores(as), evidenciarem que podem sair para a pescaria e ser mal sucedida, devido à diminuição do pescado nos últimos anos, pois “é assim, hoje vamos pescar e nem sabemos se vamos trazer alguma coisa” (Pescador-Baiacu, pesquisa de campo, outubro de 2014). Segundo os dados da Colônia de pescadores Z11, no primeiro semestre deste ano, a produção pesqueira do Baiacu ficou em torno de 36.741kg . Estas características fazem com o que o território pesqueiro da comunidade do Baiacu seja abrangente, diverso e ao mesmo tempo contraditório. Nota-se que os pescadores têm uma área de pesca abrangente, eles pescam nas águas de Matarandiba (Vera Cruz), Ponta Grossa (Vera Cruz), Itaparica, Salinas das Margaridas, Madre de Deus e em Salvador (Ilha de Maré).

Fois Taíse Alves

Figura 8 – Rede de náilon – Baiacu

Por outro lado, entender os fatores desta redução é a uma das principais contradições em torno da produção pesqueira em Baiacu. Primeiro, pelos antecedentes históricos na Ilha de Itaparica. Para Castellucci Junior (2007) e Mineiro (2010), o processo de expansão urbana da Ilha, entre 1950-1980, relacionada à criação da Petrobras, implementação da Refinaria Landulfo Alves, do Centro Industrial de Aratu (CIA), do Pólo Petroquímico de Camaçari, do sistema *Ferry Boat* e lanchas, a construção da Ponte do Funil (que liga a Ilha ao continente, especificamente ao Recôncavo Baiano) e da BA 001, trouxeram,

> Intervenções no meio ambiente em diversos povoados após a ampliação do acesso à Ilha e o crescimento urbano e turístico [...] a ocupação desordenada do espaço litorâneo, causada pela expansão urbana leva a inúmeros aterros de mangues, desmatamentos litorâneos, construção de estradas e marinas que interrompem ou destroem os ciclos de energia e nutrientes dos ecossistemas estuarinos, erosão costeira, favelas, lixo e esgoto ao ar livre (MINEIRO, 2010, p. 78).

Tais empreendimentos podem estar relacionados à diminuição da produção pesqueira no Baiacu, já que o relato dos pescadores e marisqueiras evidenciam que a diminuição do pescado vem ocorrendo entre 15 a 20 anos e cruzam-se com a construções dos mesmos.

Segundo, por algumas técnicas de produção usadas pelos(as) pescadores(as) conciliarse com este fenômeno: (I) existe pesca com bomba na comunidade, os(as) pescadores(as) afirmam que quem pratica “são os pescadores de fora”; (II) São muitos pescadores/marisqueiras que praticam a atividade pesqueira no Baiacu nas 27 coroas presentes durante esses anos, intercalando com o uso da rede de náilon que causam a predação da pesca; E, por consequência, (III) eles pescam peixes pequenos para vender como isca, assim como camarão, ostras e demais espécies. Não havendo possibilidade dos mesmos se reproduzirem.

Desta forma, cabe fomentar/desenvolver um trabalho de práticas ambientais com os(as) pescadores(as) e marisqueiras na comunidade, reafirmando a importância da reprodução das espécies, respeitando seu período de reprodução, além de estudos mais aprofundados sobre as razões deste fenômeno. Para que os(as) próprios(as) pescadores(as) não desenvolvam e contribuam com práticas que depredem seu território pesqueiro tradicional.

Para não concluir...

A atividade pesqueira artesanal detém uma importância histórica no cenário brasileiro que transita pelas esferas sociais, culturais, políticas e econômicas. Representa uma herança que carrega tradições, identidades, modos de vida, a qual permite afirmar que os sujeitos que vivem da atividade pesqueira artesanal fazem desta prática a condição de sua existência.

Na comunidade do Baiacu, nota-se que os(as) pescadores(as) criam relações, trocas, mecanismos que estabelecem uma organização específica, que denomina-se, neste trabalho, como espaço pesqueiro. O mesmo pode ser entendido como um espaço articulado e compartilhado que envolve tanto o trabalho realizado pelo(a) pescador(a) e a marisqueira, através dos usos da natureza enquanto seu recurso, ou seja, os mares, rios, mangues, lagoas. Nesse sentido, esse espaço, assim articulado, é também mediado pelas relações sociais que não envolvem apenas o sujeito pescador ou pescadora, mas a atuação de outros agentes sociais, como as entidades ligadas à gestão da atividade, o próprio Estado, os atravessadores e vendedores(as).

Cada sujeito ou agente caracteriza a produção do espaço, são eles(as) que determinam as relações, mediações e ações que garantem sua existência e seus mecanismos de territorializar os fenômenos que ocorrem no mesmo. Cabe ainda frisar a relação terra e água, já que é na água que a realização do trabalho e na terra que ocorre a venda/negociação/troca da produção pesqueira. É na terra também onde se encontram as moradias destes sujeitos, suas sociabilidades, suas vidas.

Evidencia-se desta forma que, Baiacu, é um espaço que expressa simbolismos, metáforas, é rica em histórias e culturas, dotada de práticas e relações sociais as quais os(as) pescadores(as), marisqueiras, vendedoras(es), crianças, mulheres, homens fazem deste espaço um lugar único, de um povo singular, que faz do seu cotidiano “simples” a complexidade de entender as formas de resistência e manutenção da prática da vida através da pesca artesanal.

Referências Bibliográficas

CASTELLUCCI JUNIOR, W. **Pescadores da Modernagem:** Cultura, Trabalho e Memória em Tairu, BA (1960-1990). São Paulo: Annablume, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia**: conceitos e temas. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 15-47.

_____. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Ática, 2002.

DIEGUES, A. C. **Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar**. São Paulo: Ática, 1983.

FERREIRA, J. G.; OLIVEIRA, I. S.; SANTOS, L. M. Entendendo a possível construção da ponte Salvador-Itaparica através das políticas. In: **Anais do XIII Encontro de Geografia da UESC**: Desafios da abordagem geográficas. Ilhéus – Ba: Eduesc. 2012.

FREIRE, M. L. C.; Barros, Rubens; ANDRADE, L. Z.; SAAD, Rogério. Projeto casa das Mariscadeiras: transformações em um modelo de trabalho secularmente estabelecido. In: VI Seminário Dinâmica Territorial e Desenvolvimento Socioambiental: Desafios Contemporâneos, 2011, Salvador. **Anais do I Seminário Dinâmica Territorial e Desenvolvimento Socioambiental**: Desafios Contemporâneos, 2011. p. 1-11.

KUHN, Ednizia Ribeiro A. **Terra e água:** Territórios dos Pescadores artesanais de São Francisco do Paraguaçu – Bahia. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia. Salvador (Ba), 2009. 173f.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e Política**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2008.

_____. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace). 4. ed. Paris: ÉditionsAnthropos, 1972.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Livro I. v. I. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989

MASCARO, Alynson. **O Estado e forma política**. São Paulo: Boitempo. 2013.

MINEIRO, Erika Teles Cordeiro. **Modelagem Etnoecológica da Pesca Artesanal em Recifes de Coral. Aratuba – Ilha de Itaparica – Bahia**. Dissertação (Programa De Pós-Graduação Em Modelagem Em Ciências da Terra e do Ambiente – PPGM) – Universidade Estadual de Feira de Santana, 2010. 226f.

PROST, C. Ecodesenvolvimento da pesca artesanal em região costeira - Estudos de caso no Norte e Nordeste do Brasil. **Geotextos** (UFBA), v. 23, 2007. p. 139-169.

RESENDE, Alberto Toledo. A origem da institucionalidade da pesca artesanal. In: SILVA, CatiaAntonia da (Org.). **Pesca artesanal e produção do espaço: desafios para a reflexão geográfica**. Rio de Janeiro: Consequência, 2014. p. 43-67.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SILVA, Catia Antonia da. Elementos Epistemológicos e metodológicos para uma geografia das existências. In: SILVA, Catia Antonia da (Org.). **Pesca artesanal e produção do espaço: desafios para a reflexão geográfica**. Rio de Janeiro: Consequência, 2014. p. 13-26.